

Crédito dos EUA ao México abriu uma nova fase na crise latina

de The Economist

O empréstimo-ponte concedido pelos Estados Unidos ao México — na semana passada — indica uma nova fase na crise da dívida latino-americana. Em vez de o Tesouro norte-americano e o Federal Reserve Board (Fed, o banco central dos EUA) contar com o FMI e os bancos comerciais para conceder pacotes de emergência a devedores em dificuldades, o próprio governo norte-americano financiará pacotes de recuperação econômica para os países que são geopoliticamente importantes para ele.

Até agora, os Estados Unidos estavam pressionando as agências internacionais, como o Banco Mundial e o FMI, para conseguir seus objetivos. Os norte-americanos fizeram isso pela primeira vez com o Egito em maio de 1987. Pressionaram o FMI a impor apenas condições suaves a um acordo de empréstimo de US\$ 325 milhões ao Egito. A pressão norte-americana foi tão intensa que um alto funcionário do FMI renunciou por não concordar com isso. O Egito conseguiu observar o programa do FMI durante menos de seis meses, mas pôde reescalonar suas dívidas com os governos ocidentais por causa do aval do FMI. Os norte-americanos continuaram nesta posição, instigando o Banco Mundial a empresar US\$ 1,2 bilhão à Argentina no mês passado, tendo como garantia apenas uma promessa econômica extremamente insuficiente.

AJUDA MERECIDA

O México é um caso que merece mais ajuda. O PIB do país está 3,5% mais baixo do que quando se esgotaram suas reservas em moeda estrangeira, em 1982, e teve de reescalonar suas dívidas externas. Mesmo assim, o país está abrindo sua economia. Filiou-se ao Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT) em 1986 e suas tarifas estão agora mais baixas, ficando em média em 11%. Nos últimos dois anos, o México foi o "bom menino" entre os devedores latinos. Suas reservas em moeda estrangeira aumentaram; sua reestruturação econômica continuou; neste mês, o déficit orçamentário do governo foi de apenas 2,5% do PIB (em base anualizada), em comparação com 18% no ano passado. As exportações — fora os produtos de petróleo — geraram mais da metade da receita de exportação do México e estão ainda em expansão; em 1982, o petróleo compunha quase três quartos de suas exportações. Em princípios de 1988 parecia que a economia do México estava pronta para um crescimento sustentado e não inflacionário das exportações.

O mais recente declínio dos preços do petróleo cortou essas esperanças. Até mesmo os economistas do governo admitem que a economia do país se reduzirá em torno de 2% neste

Dependência da privatização

por Richard Johns
do Financial Times

O governo mexicano está dependendo da privatização de 30 empresas, em pouco mais de uma quinzena, para conseguir cumprir suas rigorosas metas de gastos diante da receita petrolífera declinante.

As autoridades afirmam que a venda dessas empresas estatais gerarão 700 bilhões de pesos (US\$ 304 milhões) e, deste modo, limitará os cortes de gastos públicos exigidos

pela acelerada queda dos preços do petróleo.

O governo começou a vender os ativos ontem e deverá ir até 10 de novembro, como parte do programa de austeridade destinado a conter a inflação.

As duas grandes empresas de cobre abertas a propostas, a Cobre de México e Companhia Minera de Cananea, não estão entre as 30 estatais à venda. Calcula-se que até 50 empresas poderão ser vendidas e, portanto, gerar mais recur-

sos para compensar o déficit de receita, segundo as autoridades.

Além disso, o governo mexicano reduziu ainda seus gastos em 500 bilhões de pesos (US\$ 217 milhões) para levar em conta a queda da receita petrolífera por barril, agora estimada em apenas US\$ 9,5 no último trimestre de 1988. As medidas mais recentes destinam-se a manter o superávit orçamentário "primário" (excluindo pagamentos de juros) de 8,3% do PNB.

ano. A queda dos preços do petróleo minou os rendimentos em dólares e a receita do governo e ameaça frustrar o plano do governo para estimular a economia no próximo ano sob o novo presidente.

Ameaça também indiretamente a grande conquista econômica do país neste ano: a contenção da inflação. A inflação mexicana caiu de 175%, em base anualizada, entre julho e setembro do ano passado, para 9,5% no mesmo período deste ano. Na verdade, a inflação de setembro — de 0,6% — foi a mais baixa em doze anos. Isso foi em parte o resultado de um acordo para contenção dos preços e salários entre o governo, patrões e sindicatos, que deveria terminar quando o presidente Miguel de la Madrid entregar o cargo ao seu sucessor, Carlos Salinas de Gortari, em dezembro. Graças ao empréstimo norte-americano, esse pacto continuará mesmo após a posse do novo presidente.

A redução da inflação é também atribuível a uma política ainda mais arriscada: a manutenção do peso estável em torno de 2.300 em relação ao dólar. Quando essa política foi iniciada, em princípios do ano, o México estava em posição vantajosa por estar recebendo de volta o capital que saíra do país. Isso contribuiu para aumentar as reservas para US\$ 14 bilhões em maio. Mas o capital começou novamente a gotejar, quando os investidores previram uma grande desvalorização. As reservas mexicanas em moeda estrangeira caíram em um terço — ou mais de US\$ 4,5 bilhões — desde que atingiram seu ponto máximo e continuam caindo. Mesmo a apertada política monetária do governo, que oferece taxas de juro reais de 20%, não conseguiu deter a fuga de divisas.

A infusão de capital americano poderá fazer com que o México deixe de lado essa política talismânica, mas prejudicial. A certeza de que os Estados Unidos salvarão o México antes que as coisas fiquem mais difíceis deverá dar mais confiança aos investidores do que uma insustentável taxa de câmbio.

QUEDA DO SUPERÁVIT

O peso extremamente forte contribuiu para um declínio precipitado do superávit comercial do México. Dois dias depois que o México anunciou o empréstimo norte-americano, o Ministério do Orçamento divulgou estatísticas que mostram que o superávit comercial do país nos oito primeiros meses de 1988 foi de apenas US\$ 2,5 bilhões, em comparação com US\$ 6 bilhões no mesmo período do ano passado. Um aumento nas importações de bens de consumo — que tiveram elevação de 123% neste ano — foi uma consequência do peso forte e da redução das tarifas de importação inspirada pelo GATT.

O declínio no mercado do petróleo afetou duramente as receitas de exportação

do México. Para cada US\$ 1 a menos no preço do petróleo, o México recebe cerca de US\$ 500 menos em receita de exportação. O México esperava gerar cerca de US\$ 8 bilhões com as exportações de petróleo neste ano, estabelecendo em seu orçamento o preço de US\$ 15,50 para o barril de petróleo. A Pemex — monopólio estatal do petróleo — disse que o preço médio por barril é agora de US\$ 10,75. A queda poderá custar ao México pelo menos US\$ 2,5 bilhões.

O FMI e o Banco Mundial ajudarão o México a preencher essa lacuna. O Fundo poderá emprestar ao Méxi-

co entre US\$ 300 milhões e US\$ 900 milhões. O Banco Mundial poderá fazer empréstimos de ajustamento estrutural no valor de aproximadamente US\$ 1,5 bilhão.

Ambas as instituições já fizeram grandes gastos no México. O país deve US\$ 3,4 bilhões ao Banco Mundial e US\$ 5 bilhões ao FMI.

Apesar dessa ajuda, o México ainda precisará de mais dinheiro dos bancos comerciais, se sua economia quiser retomar o crescimento de 4% ao ano — a menor que, segundo economistas mexicanos, o país precisa para absorver sua crescente população.